



Quando uma geração se engessa por não acreditar em si mesma

O altar das montanhas de Minas, de Jaime Prado Gouvêa

Gabriel Braga Ferreira de Melo*

Em seu único romance publicado até o presente, o contista e jornalista Jaime Prado Gouvêa oferece um retrato crítico de Minas Gerais que não difere tanto do restante do Brasil. Agora, esse retrato pode não ser tão fiel quanto gostariam os historiadores, pois, tal qual seu protagonista, a quem é imputada a “culpa” por “erros” de pesquisa, o autor se permite alterar alguns fatos em favor da ficção.

O enredo se atém ao esforço de Dirceu Dumont, escritor de contos sacanas, como o próprio se define, em reconstruir ou criar – dependendo do que pede o momento – a vida de um antepassado cujo nome desconhece. Sabe apenas que o parente foi escritor e assinava sob o pseudônimo de Álvaro Garreto, em homenagem a três autores de sua admiração: Fernando Pessoa, Lima Barreto e Almeida Garrett, trio que dá a tônica do livro.

Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, “empresta” à vida de Dumont a transição de decadentista a niilista. Porém, enquanto o poeta luso se entregou a essa mudança no campo literário, o personagem a experimenta na própria vida: de alguém que só vê a ruína do mundo passa a um homem sem objetivos e sem busca de respostas para suas perguntas – na verdade, até sem perguntas.

* Graduado em Letras (UFRJ).

A partir do Lima Barreto de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Jaime Prado Gouvêa faz de seu personagem principal um idealista que deseja viver na Ouro Preto de Dirceu, de Marília e da atmosfera árcade, mas tem de encarar uma vida comum, em companhia de gente egoísta e cínica. Em alguns momentos, Dumont se aproxima de Quixote, a travar uma batalha inútil para fazer com que outros enxerguem seu mundo de moinhos. Ao final do livro, o leitor chega a conhecer um dono de bar espanhol – na verdade, um descendente de nordestinos nascido no subúrbio de Belo Horizonte, mas que passa por castelhano para representar a luta do protagonista contra a triste realidade.

Almeida Garrett, por sua vez, é lembrado principalmente pela estrutura do livro, que lembra a de *Viagens na minha terra*. Porém, ao invés de deslocamentos de Lisboa a Santarém, o trânsito se dá entre Belo Horizonte e Ouro Preto. As duas obras se irmanam pela naturalidade da narrativa e pelo oferecimento de uma análise acurada da situação política e social do país. Mas se em *Viagens* Carlos e Frei Dinis colocam em batalha o antigo e o novo Portugal, *Altar* situa a luta entre o antigo e o novo Brasil em campos diferentes: Garreto é o antigo Brasil preso na novela criada pelo novo Brasil, que é Dumont e sua vida, e os dois Brasis nunca se encontram no mesmo espaço e tempo, portanto nunca se encaram frente a frente.

Todavia, a falta de confronto direto não torna a batalha menos clara do que a do autor português. Podemos ver nitidamente a decadência rodeando o novo Brasil, fruto da ditadura, seja no bar de Belo Horizonte que murchou e esvaziou igual a Dumont e sua própria geração, seja em um retrato de um país aleijado, bêbado, necessitando de uma bengala ou até mesmo do auxílio de outros, conhecidos ou não, para continuar vivo. Já o antigo Brasil era, ao

menos na imaginação das novas gerações, belo e perfeito, um verdadeiro paraíso árcade.

Convém alertar, porém, para o perigo de se dizer que o texto é uma exaltação do passado glorioso do Brasil e uma afirmação de que o país se transformou em algo horroroso. Devemos ter sempre em mente que o antigo Brasil é, desde o início, uma ficção criada pelo novo Brasil, que pouco se esforça em saber o que realmente é verdade sobre o passado. Tampouco podemos cegar para o fato de que o novo país também tem seus momentos de poesia e beleza, ainda que sempre retorne a amargura decorrente de um paralelo em que ele não chega aos pés do que era. Em certo ponto da narrativa, os estilos de Garreto e Dumont começam a ficar parecidos, cabendo ao leitor decidir se isso significa que nem mesmo o passado do Brasil era bom ou se o presente da nação não se limita a mazelas.

Com ironias sutis sobre Minas e o próprio país, uma linguagem que se alterna entre o popularesco e o levemente romântico, além de um protagonista dado a sexo, drogas e a busca vazia do esquecimento de seus fracassos, Jaime Prado Gouvêa nos dá um livro gostoso de ler. Uma narrativa sem raciocínios em linha reta e repleta de divagações – em coerente espelhamento do funcionamento da cabeça do personagem principal – que, no entanto, jamais nos deixa perdidos ou cansados. Afinal, a palavra que rege o texto é “tesão”, seja no sentido literal das cenas de sexo (ou quase sexo), seja na paixão pelos árcades e um passado romântico, ou ainda na vingança. O certo é que todos os personagens são movidos pelo desejo e, quando o perdem, se imobilizam.

Enfim, um livro interessante a mostrar um Brasil engessado e, ao mesmo tempo, a proporcionar a revigorante sensação de

que a vida pode não ser tão ruim e que o problema fundamental do país é, como acontece com Dumont, não confiar em seu talento e, ao andar sempre em círculos, não se permitir ser feliz.